

**ASPECTOS COMPARATIVOS ENTRE “AS IDEIAS FORA DO LUGAR”
E “VANGUARDAS E SUBDESENVOLVIMENTO” DE SCHWARZ
E GULLAR: CONTRAPONTO PARA O ROMANCE BRASILEIRO**

*Rogério Francisco dos Santos**

*Susylene Dias de Araujo***

RESUMO: Este artigo tem por objetivo, elencar traços comparativos e pontos de encontro entre os textos “As ideias fora do lugar” e “Vanguardas e Subdesenvolvimento” de Roberto Schwarz e Ferreira Gullar, além das diferenças no tocante à formação do povo e da cultura literária brasileira. Os textos em questão contextualizam as incorrespondências existentes entre as concepções ideológicas europeias e as questões do escravismo no Brasil do século XIX. A psicologia do favor pressupõe uma armadura da ideologia liberal, diferente da escravidão, e constrói-se a sensação de superioridade para compensar o fato de se ser inferior. Em Schwarz (1977), iremos notar uma percepção universal de que as ideias estão fora do lugar no século XIX, pois se observa uma desconstrução de formas canônicas construídas ao longo do tempo e que agora são reeditadas de outra maneira; já em Gullar (1978), nos encontraremos com as vanguardas e as consideramos aqui como um conceito alienante, pois é possível perceber que elas têm origens europeias e não se encaixam na realidade social brasileira tanto quando as concepções sobre a escravidão e a política do favor observadas no texto de Schwarz.

PALAVRAS-CHAVE: Latifúndio; Homem livre; Capitalismo; Ferreira Gullar; Roberto Schwarz.

* Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Uems).

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (Uel). Professora Titular da Universidade Estadual de Mato Grosso de Sul (Uems).

Introdução

Em pleno século XIX, a Europa vivia seu apogeu no campo da industrialização e em decorrência disso, a sociedade estava imersa em um processo de relações trabalhistas e num estágio de relativo avanço em questões de consumo. A vida secular do europeu, nesse momento da história, privilegiava relações de liberdade, tanto na área do trabalho quanto na área das relações pessoais, o que, sem dúvida, influenciou muito no processo de avanços também de setores da indústria.

Em meio a estas transformações estavam às ideologias liberais europeias que preconizavam o novo “homem livre” por conta da ascensão de fatores industriais, o que iremos perceber tratar-se de um mascaramento do trabalho escravo, da dependência e da cultura do favor, uma vez que o operariado nem sempre tivera condições justas de trabalho, moradia, alimentação e salário. Estas características nem sempre influenciavam na produção artística, cultural e literária da Europa, uma vez que seus produtores estavam ainda ligados a formas canônicas e padronizadas de arte e escrita.

Na Europa, com o avanço industrial de suas tecnologias e o conseqüente aumento da produção, buscou-se cada vez mais explorar as condições de trabalho e consumo da população. Portanto, diante de uma sociedade de “homens livres”, com capacidade consumidora visível, a indústria foi avançando naturalmente e conquistando cada vez mais espaços. Em outra realidade social, o Brasil, neste mesmo século XIX, permanece ainda escravista e caminha lentamente para uma sociedade livre, com capacidade consumidora e que com possíveis condições de promover o desenvolvimento da nação em vários sentidos, especialmente econômico, cultural e socialmente.

Nesse sentido, observamos aqui o desejo latente por uma cultura e arte literária que atenda aos acontecimentos da sociedade de então, e que era impossível seguir tentando implantar em solo brasileiro ideais liberais de modelo europeu que não condiziam com a realidade das nações latino-americanas. Era necessário recomençar, tentando caminhar por

ângulos que trouxessem ao cerne da produção literária brasileira, a sua real situação social e as peculiaridades próprias do Brasil.¹

Busca-se retratar e implantar aqui no Brasil muito daquilo que se vivia e se percebia no continente europeu, ocorre que, diante de uma sociedade escravista e com uma imensa maioria analfabeta, seria óbvio imaginar que o êxito fosse ilusório na maioria das situações. Sonhar ver no Brasil deste período uma sociedade semelhante à europeia seria acreditar por demais na capacidade superior deste povo que, na realidade, permanecia na ignorância dos avanços já alcançados por europeus.²

Levando em conta o que foi exposto, nosso objetivo é elencar traços comparativos e pontos de encontro entre ambos os textos “As ideias fora do lugar”, do professor e crítico literário Roberto Schwarz e “Vanguardas e subdesenvolvimento”, do escritor, crítico de arte, tradutor e ensaísta Ferreira Gullar. Além das diferenças no tocante à formação do povo, vamos apontar elementos que perpassam os dois textos mencionados e que dizem respeito à cultura literária brasileira.

Os textos em questão contextualizam as incorrespondências existentes entre as ideologias e as questões do escravismo, no século XIX. A psicologia do favor pressupõe uma armadura da ideologia liberal, diferente da escravidão, e constrói-se a sensação de superioridade para compensar o que de fato de que o cidadão brasileiro é inferior. Esta busca por pontos em comum se dará mediante a leitura comparativa dos dois textos em epígrafe.

Em Schwartz (1977), iremos notar uma percepção universal de que as ideias estão fora do lugar no século XIX no Brasil, pois se observa uma desconstrução de formas canônicas construídas ao longo do tempo e que agora são reeditadas de outra maneira. A ficção desse período vai representar aqui o desencantamento do mundo, com um olhar para a realidade liberal, e com a quebra da verossimilhança, uma vez que o Brasil está diante

¹ Informação baseada no texto contido no site: <<http://escolaeducacao.com.br/ideologias-do-seculo-xix/>> Acesso: 30 jun. 2017.

² Informação baseada no texto contido no site <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Literatura-Infantil/index.htm>> Acesso em: 30 jun. 2017.

de uma ideologia nacional representada pelas diferenças entre a sociedade escravista da época em oposição às ideias do liberalismo europeu que em nada correspondiam a nossa realidade.

Em Gullar (1978), nos encontraremos com as vanguardas e as consideramos como um conceito alienante, pois é possível perceber que elas têm origens europeias, e não se encaixavam na realidade social brasileira. Dessa forma, buscamos levantar pontos de convergência e divergências entre os ensaios de Schwarz e Gullar.

1 Ideologia e Liberalismo europeu x Escravidão: reflexos no romance brasileiro

“As ideias fora do lugar” é um célebre texto de Schwartz (1977), que traz à tona fatos sociais, impactantes para a formação de um país supostamente “livre”, que ainda se encontra atrelado à escravidão.

Sendo assim, o autor inicia suas considerações partindo de uma colocação de Machado de Assis (*apud* SCHWARZ, 1977, p. 11) que diz que “toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora no Brasil domina o fato “ímpolítico e abominável” da escravidão”, reflexões reafirmadas tempos mais tarde em seus romances. Após tanto tempo, é plausível nos questionarmos a respeito das seguintes indagações: O que é trabalho livre? Qual a diferença entre escravidão e “trabalho livre”? Quais suas relações?

É possível perceber que a nação brasileira encontrava-se diante de uma situação degradante, uma vez que ainda estava enraizada numa situação escravista. Se é uma nação escravocrata, que sacrifica seres humanos em detrimento de uma economia política, não pode ser compreendida como uma sociedade de homens “livres” e nem compartilhar de ideias liberais advindas do pleno apogeu europeu do século XIX. Sob outro viés, é pertinente pensar que este auge marcado por ideologias liberais e pela ciência econômica (revolução industrial) tenha causado um grande efeito na vida de tantos homens “livres/brancos” Europa afora, como podemos observar no seguinte fragmento de Schwarz (1977, p. 13):

Antes bons negros da costa da África para a felicidade sua e nossa, a despeito de toda a mórbida filantropia britânica, que, esquecida de sua própria casa, deixa morrer de fome o pobre irmão branco, escravo sem senhor que dele se compadeça, e hipócrita ou estólida chora, exposta ao ridículo da verdadeira filantropia, o fado de nosso escravo feliz.

O presente texto é objetivado justamente na tentativa de realizar e levantar apontamentos e reflexões acerca da sociedade brasileira escravista relacionadas com as ideias do liberalismo europeu (homem livre), e diante da nova situação social que se instaurava, é possível pensar que liberdade era o que menos existia em um modelo escravocrata disfarçado e liderado pelo crescente capitalismo. Ainda diante dessa leitura, é possível perceber no texto de Schwarz uma abordagem mais sociológica do que necessariamente literária, enquanto que Gullar almeja uma produção literária vertiginosa ao gosto nacional, sem cópia do mercado europeu, preconizando a ideia de uma arte brasileira, a partir de temas e por carga composicional, sobretudo em sua imagem, de sentimentos e emoções oriundas do Brasil.

É notório pensar por intermédio das reflexões sobre o texto de Schwarz que estamos lidando com uma ideologia velada alimentada pelo capitalismo e marcada por características próprias, inclusive a de mascarar as mazelas que ocorriam com uma grande parcela social e que ficava escondida sob o jugo idealizador de “liberdade”. Em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque (*apud* SCHWARZ, 1977, p. 14), iremos perceber que “trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra”.

Diante dessa colocação, é plausível indagarmos se é possível ser uma cópia dos países europeus? É pertinente uma conexão advinda de ideias tão distantes e abruptas? E como lidar com as relações e ideias de mercado, uma vez que o Brasil era um país essencialmente agrário e participante do mercado externo? Como pensar em Ciência Política e trabalho livre, diante de tal contexto? Esses e outros questionamentos encontram-se latentes nas ponderações de Schwarz e Ferreira Gullar.

Nas entrelinhas, observamos uma discrepância acentuada entre os ideais liberais burgueses e o processo escravocrata brasileiro, uma vez que se tem de trabalhar com o pensamento do prático, rápido, do ágil em oposição ao inverso de um espaço que ainda sobrevive do trabalho escravo com fins de discipliná-lo. Assim, podemos notar que

[...] com igual fatalidade, este conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles. No plano, das convicções, a incompatibilidade é clara, e já vimos exemplos. Mas também no plano prático ela se fazia sentir. Sendo uma propriedade, um escravo pode ser vendido, mas não despedido. O trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade à seu patrão, além de imobilizar menos capital. (SCHWARZ, 1977, p. 14)

Os processos de colonização causaram danos irreparáveis em muitas nações pela ideia do uso da terra de um grupo trivial com características e funções próprias que visualizamos por meio dos latifundiários, escravos e homens ditos livres. Em Schwarz, observa-se uma discussão a respeito do culto às ideias liberais numa sociedade escravocrata, na qual a arte é tudo, e que mantém relações estreitas com as ideias difundidas por países que sempre exploraram e vilipendiaram as nações subdesenvolvidas. No ensaio de Gullar, notamos que há uma “defesa” implícita da vanguarda que, mesmo sendo de origem europeia, fica mais perto do povo, trazendo o pensamento de politização do povo e denuncia da exploração do trabalho.

O liberalismo europeu e o escravismo brasileiro escondem a exploração do trabalho humano, quase que numa relação do favor como mediação quase universal na qual a escravidão é tida como filantropia, e a arte fixada em ideias liberais, ao passo que no pensamento Gullariano, a vanguarda está engajada mais no pensar da “arte pela arte”, vanguarda que neste momento é compreendida como um procedimento coletivo que busca novas formas de expressão estética.

Os efeitos da colonização podem ser sentidos também no Brasil, pois ela assenta-se em três elementos fulcrais, que são descritos nos seguintes termos:

Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. Entre os dois primeiros a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários seus acesso à vida e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. (SCHWARZ, 1977, p. 16)

A esta última classificação, os ditos homens livres, cabe-nos empreender questionamentos e um estudo específico, pois foi desta relação que surgiu o que chamamos hoje de “favor” indireto ou direto de um grande senhor ou proprietário. Segundo Schwarz (1977, p. 160), “o favor é a nossa mediação quase universal”, uma vez que era condição necessária para que a relação de dependência pudesse acontecer entre ambos na sociedade” e ainda “mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida nele, no favor a sua livre pessoa [...]”.

Segundo essa concepção, o senhor proprietário explora o trabalho de seu funcionário em troca de condições mínimas de subsistência e sobrevivência, e este acaba por viver sempre na dependência, sem condições justas de ascendência econômica financeira. O favor passa a ser aqui o retrato disfarçado de um tipo escravista e o formador essencial de um terceiro tipo social fortalecido pela cultura nacional da dependência, e que irá ser muito bem retratado no romance da época. Sobre o escravismo é imprescindível reiterar o que Schwarz (1977, p. 16) escreveu:

O escravismo desmente as ideias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão, particular. O elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e autoestima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados.

[...]

O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração, e serviços pessoais.

Em conformidade com Schwarz (1977), “as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo a lei que lhes seja própria – por isso as chamamos segundo grau”. Segundo esse pensamento, pode-se dizer que o que ocorria na prática social estava longe de ser liberal e que mesmo a Europa trabalhando numa lógica de liberalismo ainda mascara-se um processo opressor, vive-se o momento em que se comemora a independência sem o prefixo do vocábulo, pois há de se ver uma dependência que só tende a aumentar por intermédio do favor. Para o crítico mencionado, “o ritmo de nossa vida ideológica, no entanto foi outro, também ele determinado pela dependência do país: a distância acompanhava os passos da Europa”.

O retrato social redesenhado no Brasil pela cultura das ideologias liberais europeias traz para o solo brasileiro uma imagem que não era a nossa realidade e se integram na construção do romance de muitos escritores dessa época, adentrando no mundo das artes plásticas e avançando na arquitetura e pintura do século XIX, sem representar as nuances do que de fato acontecia. Era a representação de maneira grotesca e longínqua da realidade de um Brasil que ainda era rural e escravocrata, como podemos ver no seguinte fragmento transcrito abaixo:

A transformação arquitetônica era superficial. Sobre as paredes de terra, erguidas por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização.

[...]

Em certos exemplos, o fingimento atingia o absurdo: pintavam-se motivos arquitetônicos greco-romanos pilastras, arquitraves, colunatas, frisas etc. com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neoclássica jamais realizável com as técnicas e materiais disponíveis no local. Em outros, pintavam-se janelas nas paredes, com vistas sobre ambientes do Rio de Janeiro, ou da Europa, sugerindo um exterior longínquo, certamente diverso do real, das senzalas, escravos e terreiros de serviço. (SCHWARZ, 1977, p. 20)

Nesse ritmo de trazer às nossas terras por meio de uma imposição disfarçada o que não era nosso e entreverar por entre nossos costumes, o que de fato era europeu e que não

coincidia com o que de fato éramos, seguiu-se por longos anos uma distância nos mais variados espaços sociais entre a realidade brasileira e as ideias advindas da Europa. Nesse sentido, nosso caminho de ideologias foi construído mediante uma severa (in)dependência a moldes de outros países, vivendo-se o momento de uma ideologia enganosa por intermédio de uma independência e autonomia cultural fracassada enraizada no sistema capitalista.

Éramos um latifúndio ainda pautado no trabalho servil escravo que em pouco pode ver passar os movimentos literários e suas transformações junto à sociedade, uma vez que ainda não havíamos conseguido avançar socialmente como a Europa, como é possível notar na seguinte afirmação de Schwarz (1977, p. 20-21): “em consequência, um latifúndio pouco modificado viu passarem as maneiras barroca, neoclássica, romântica, naturalista, modernista e outras, que na Europa acompanharam e refletiram transformações imensas na ordem social”. Apesar de não ser possível praticar e seguir todas as ideologias advindas do continente europeu, era impossível descartá-las e é certo que o retrato deste chão brasileiro propiciou a formação de uma história cultural com traços peculiares formados primeiramente pelo colonialismo e seguido pelo Brasil dependente. Dessa forma, era notório que tais ideias estavam aqui no Brasil, naquilo que podemos chamar de região periférica em relação a sua utilidade.

Enfim, são estas características que irão influenciar na produção cultural brasileira, seja na arte como na escrita. E nesta última, registra-se o processo social do qual o escritor faz parte e que tem ressonâncias naquilo que ele escreve. Em autores como Machado de Assis, Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo nota-se o desenvolvimento da temática da política do favor e da aclimação problemática de ideologias de cunho estrangeiro, que também se tangenciam no ensaio de Ferreira Gullar.

2 Vanguardas e Subdesenvolvimento: arte um caminho possível em meio ao campo ideológico e a realidade social

Iniciemos nossa reflexão sobre arte de vanguarda e subdesenvolvimento no Brasil partindo do questionamento que nos permite pensar e refletir esta realidade em sua dualidade, uma vez que estamos recebendo um movimento estético vindo de ares europeus e americanos, o que nos possibilita iniciar tal estudo partindo da seguinte questão: Até que ponto o contexto de vanguarda se encaixa na atmosfera na qual o Brasil estava imerso?

A realidade social brasileira do século XIX imprime-se de maneira muito forte e eloquente na construção literária do país. Os autores ganham força em suas construções por intermédio de estímulos políticos e não somente formalistas. Com o surgimento das vanguardas, se faz necessário compreender o conceito da mesma, uma vez que Gullar discorre sobre um momento muito específico que abarca o Modernismo dos anos 20 e 30 até o Concretismo dos anos 50 e 60, e o objetivo deste movimento, segundo Gullar (1978, p. 19) é

apresentar o curso da arte como um desenvolvimento linear, fatal e historicamente incondicionado. É como se o processo artístico constituísse uma história à parte, desligada da história geral dos homens. A partir dessa linha central, os concretistas selecionavam os autores e obras, sendo “válidos” os que dela se aproximavam e destituídos de valor os demais autores.

Observa-se aqui a vanguarda como um conceito alienante, pois percebe-se que as mesmas têm origens europeias, e não se encaixam na realidade brasileira, pois o Concretismo e seus lances artísticos estavam distantes dos aspectos sociais que permeavam a sociedade da época. As vanguardas europeias, segundo Gullar, eram movimentos importantes, pois elas eram movimentos de fuga da realidade, com características místicas, pois traziam em si movimentos sociais que estavam por acontecer em sua realidade atual.

Entendemos as vanguardas como próximas da revolução industrial, arranjo fortalecedor do capitalismo, e não era possível articular movimentos sociais no país apenas com

características formais, desligados do que era real e presente no momento. A arte e os movimentos saem de um campo elitista e adentram os mais variados espaços até os centros populares de cultura. Sobre o espaço social, podemos ver em Gullar (1978, p. 20) que

o processo social brasileiro (de que os concretistas não tomavam conhecimento) tornou insustentável a defesa de posições meramente esteticistas, a partir de 1961-62. A ascensão das massas trabalhadoras, a luta pelas reformas impuseram a opção. A maioria dos escritores brasileiros engajou-se na luta política e prosseguiu nela.

Entendemos que a história e seus acontecimentos, as vozes do povo e a política são ferramentas que aos pouco vão construindo um novo estilo de arte e, dessa forma, as vanguardas modernistas alavancaram e fortaleceram a literatura do Brasil, pois as mesmas tiveram o poder de extrapolar as fronteiras nacionais e ir ao encontro de seus personagens no campo social.

Para o ensaísta mencionado, era necessário um movimento artístico que fosse acessível ao povo, que estivesse próximo do social. Na Europa, as vanguardas eram vistas como sendo pertencentes a um grupo social mais elitizado, já em solo nacional, se busca um movimento que se aproxime da linguagem popular e de suas aspirações. Percebemos na poesia, no teatro e no cinema um desejo latente de denúncia das realidades sociais e das ações políticas. Desse modo, era necessário fazer-se entender por intermédio da linguagem. Para tanto, começa a surgir, nos centros urbanos, grupos de jovens escritores que propunham movimentos vanguardistas renovados que rejeitavam a arte diante de um padrão estético já pré-determinado. Para estes grupos, de acordo com Gullar, era necessário uma luta constante contra “os meios de comunicação de massa buscando formas de comunicação populares e indo com suas obras aos sindicatos, às favelas, aos subúrbios, às vilas operárias, às usinas de açúcar, às faculdades”.

No ensaio de Gullar (1978), lemos que as formas revolucionárias nascem também de um conteúdo revolucionário, pois era o momento de transformação da poesia concretista em uma poesia que retratasse o social, estabelecendo-se uma “concretude” do retrato

social, em detrimento apenas de traços formais, acadêmicos, sendo necessário ir além, era impossível uma arte sem o povo e que não atendesse aos anseios e vivências dos mesmos.

Mesmo que haja, em meados dos anos 60, fortes repressões à arte, os autores e artistas buscaram caminhos alternativos para a disseminação e aproximação do povo e, nesse sentido, a vanguarda é vista como um trabalho consciente, livre e coletivo dos artistas, e encontram-se truncadas as relações de poder que efetivamente influenciam nas relações sociais dos artistas com o poder público, porque resistem ainda as relações de troca que se fundem na cultura do favor. As repressões tentavam despolitizar o país, enquanto as mais insígnias manifestações de arte trabalhavam em sentido contrário com o objetivo de repolitizá-lo. Conforme postula Gullar (1978, p. 21), até hoje

O interesse pelos problemas políticos, a temática popular, a incorporação da música do morro e do sertão aos espetáculos teatrais, o cinema social e político de hoje têm uma de suas fontes nos movimentos de cultura popular, não apenas pelo efeito das obras, como também pela agitação das ideias que formaram cultural e politicamente os autores novos.

As vanguardas valorizam e trabalham com a urbanidade, centrando-se no Brasil como uma nação subdesenvolvida que retrata a história como sendo cíclica, natural e alienante, estando esta a serviço da classe burguesa, uma vez que esta estará em desfavor do sistema vigente: o capitalismo. Na Europa, seu aspecto fundamental era a alienação, pois estava desvinculada da história. Já num país em desenvolvimento e vendo o progresso dos países de primeiro mundo, é impossível não pensar que a história não caminha ou que o seu caminhar não muda nada. Sendo assim, é interessante se indagar o que seria então desenvolvimento? O que seria o mito da vanguarda? De acordo com o ensaísta maranhense, as

“vanguardas” trazem em si, embora equivocadamente, a questão do novo, e essa é uma questão essencial para os povos subdesenvolvidos e para os artistas desses povos. A necessidade de transformação é uma exigência radical para quem vive numa sociedade dominada pela miséria e quando se sabe que essa miséria é produto de estru-

turas arcaicas. A grosso modo, somos o passado dos países desenvolvidos e eles são o “espelho de nosso futuro”. Sua ciência, sua técnica, suas máquinas e mesmo seus hábitos, aparecem-nos como a demonstração objetiva de nosso atraso e de sua superioridade. (GULLAR, 1978, p. 23)

Os seres humanos dos países subdesenvolvidos são contraditoriamente miseráveis e otimistas, uma vez que

Todos esses movimentos culturais que se registram na Europa a partir do século XVIII têm repercussão no Brasil. No século XIX inicialmente com bastante atraso e depois com um intervalo cada vez menor. Os países adiantados eram, como disse Marx, o espelho das colônias. O Brasil via, nos países europeus, o seu futuro, para onde ele caminhava. (GULLAR, 1978, p. 35)

O romantismo viria como um movimento autêntico por se esforçar na construção de uma literatura essencialmente brasileira, haja vista que foge aos padrões europeus e retrata a realidade social e econômica. Para Gullar, o único movimento que constrói uma organização poética no Brasil é o Romantismo, os demais não retratam a nação (Naturalismo, Realismo, Parnasianismo) e isso só irá retornar com o Modernismo, que traz consigo o sertanismo e o regionalismo, fotografando-se a imagem real do nosso país, não sendo apenas cópia da Europa. Ainda segundo o estudioso em questão, “O Romantismo nasce como uma reação à mediocridade da vida burguesa, como uma fuga ao presente e o refúgio num passado em que todos os seus valores se realizavam sem antagonismos entre ideia e realidade, pessoa e mundo, indivíduo e sociedade” (GULLAR, 1978, p. 28).

Acreditamos que todas as manifestações vanguardistas europeias se fundaram conforme foram ocorrendo as transformações sociais, políticas e econômicas, embora saibamos que tais manifestações vanguardistas estavam a favor da burguesia e da política em distanciamento real da classe que crescia por toda Europa por conta da crescente industrialização: o operariado e as massas populares. Sob essa perspectiva, como acertadamente assevera Gullar (1978, p. 29),

A imprensa, o livro, a fotografia, a ampliação do público leitor, são dados novos que acentuam o marginalismo do artista *maudit*. E, paralelamente ao crescimento industrial, prolifera o operariado, a nova classe revolucionária, com a qual o artista de então não tem possibilidade de diálogo. “Desta vez – diz Sartre – são as massas que querem o poder, e como as massas não têm cultura nem lazeres, toda pretensa revolução literária, voltada para o refinamento técnico, põe as obras de arte fora do alcance das massas e serve aos interesses do conservantismo social.”

Já no Brasil, considera-se somente o período romântico como um movimento de sangue brasileiro, que os demais serão aqui reproduções de modelos de países desenvolvidos e que não condizem com a essência brasileira, apresentam apenas superficialmente reflexões a respeito do social. Por outro lado, se é coerente ter uma organicidade literária, é também plausível observar, de certa forma, um período de alienação, uma vez que a evolução é um processo natural e tudo é reinventado, talvez por sermos subdesenvolvidos sempre estamos a mercê dessa evolução, pois uma vez que estamos chegando próximo aos desenvolvidos, estes já estão em outra realidade além da nossa. Sendo assim, a vanguarda e os seus desdobramentos no Brasil, para Gullar (1978, p. 34), sintetizam-se nos seguintes termos:

Num esboço muito esquemático, essa é a história da vanguarda. Procuramos demonstrar que os diferentes caminhos seguidos pela arte, a partir do século XVIII não foram escolhidos pelos intelectuais ao sabor de sua vontade, no exercício de uma total liberdade, nem foram apenas determinados pela dialética interna da obra de arte. Essa dialética existe e atua, como também o artista, no conjunto da cultura, opta pelos caminhos possíveis.

Na visão de Gullar, o Romantismo e o Modernismo são típicos movimentos brasileiros por retratarem o chão nacional com maior clareza, uma vez que trazem ao cerne a figura do negro, do índio entre outros, em detrimento a outras vanguardas por conta de uma base econômica que não se estabiliza e, não evoluindo a cultura, o homem aqui é o

sujeito responsável pela sua própria história, no entanto, não a faz sozinho de modo isolado, concebendo-a no entrelaçamento com os fatos e com as transformações que a sociedade vai tendo ao longo dos tempos.

Enfim, podemos perceber que o Modernismo pode ser melhor compreendido como sendo o movimento que se opõe a todos os outros já existentes em solo brasileiro, trazendo em sua essência a necessidade de começar um trabalho literário novo, com um nível de amadurecimento elevado a tal ponto, que consiga retratar de modo fiel e realista o percurso histórico e social da nação que atrasadamente deixava o escravismo para tornar-se república e os primeiros passos de revolução industrial começavam a mostrar sua interferência no interior das realidades sociais.

Assim, o ensaio de Gullar dialoga com o de Schwarz no sentido de que ambos apontam a questão da influência das ideias e ideologias europeias no território das letras brasileiras. Nos escritos dos dois estudiosos, salienta-se que nem sempre tais ideologias se adequaram ao pensamento brasileiro, já que no Brasil ainda imperam a política do favor, dos conchavos, dos arranjos, refletindo uma má assimilação de conceitos e posturas europeias.

Considerações finais

Este artigo tem como propósito elencar características da sociedade europeia do século XIX com seu apogeu no campo industrial e suas ideologias liberais em oposição ao Brasil, que ainda vivia a realidade da escravidão. Neste contexto, ocorre um embate profundo diante da ideia trivial do latifundiário, do escravo e dos ditos “homens livres”. Para este último, visualizamos fatores determinantes para a formação de um país (in)dependente, instaurando-se para sempre a cultura do favor, válvula propulsora do capitalismo selvagem.

Em meio a tudo isso, vemos surgir os movimentos artísticos e literários brasileiros, que se alimentam de fontes europeias e que a princípio se preocupam em sua construção com traços formais, sendo estes direcionados a uma classe mais elitizada na Europa. No

Brasil, recém-saído da situação escravocrata, percebemos que muitas das vezes as representações ficcionais dos nossos escritores não exprimem o solo brasileiro ou abordam em profundidade questões do nosso país, uma vez que não se preocupavam em retratar a realidade social brasileira.

Foi possível constatar que, entre os movimentos literários brasileiros, o Romantismo, num primeiro momento, e de maneira sutil, tenta realizar esta aproximação ao social, propondo um desencantamento com o mundo e tentando aproximar-se da realidade que predominava até então. Em período bastante posterior, tivemos o Modernismo, que veio como um movimento responsável por dar novos ares ao campo artístico e literário do país, já que teve por função retratar de maneira profunda e realista o percurso histórico e social da então nação que aos poucos deixava seu passado escravista. A esse respeito Ferreira Gullar (1978, p. 36) tece o seguinte comentário:

Tudo isso se processa num quadro social, econômico e político totalmente diverso do europeu. O país se transforma. A expansão da economia cafeeira promove, juntamente com outros fatores, o crescimento da vida urbana, o surgimento de uma classe de funcionários públicos, de empregados em serviços diversos, o desenvolvimento dos meios de transporte. O ensino médio e superior se amplia e agora uma boa parte dos estudantes e dos intelectuais advêm da classe média recente.

Sendo assim, é possível afirmar que existem entre os textos de Schwarz (1977) e Gullar (1978), traços convergentes e pontos de encontro no que tange à formação de um povo e de uma cultura literária brasileira, uma vez que, ao mesmo tempo em que bebem das fontes europeias, trazem em sua formação aspectos da cultura e da formação do povo desconstruindo formas canônicas e padronizadas concebidas ao longo do tempo e agora reeditadas de outra maneira para a formação cultural, artística e literária de um solo essencialmente brasileiro, marcado por controvérsias que se perpetuam no território das letras e das artes e que se originaram em virtude da transposição de conceitos e ideologias oriundos de nações europeias e aclimatados de maneira problemática no Brasil.

COMPARATIVE ASPECTS BETWEEN “IDEIAS FORA DO LUGAR” AND “VANGUARDAS E SUBDESENVOLVIMENTO” BY SCHWARZ AND GULLAR: COUNTERPOINTS TO BRAZILIAN NOVEL

ABSTRACT: The purpose of this article is to list comparative features and meeting points between Roberto Schwarz and Ferreira Gullar's “Ideias fora do lugar” and “Vanguardas e subdesenvolvimento”, as well as differences in the formation of people and Brazilian literary culture. The texts in question contextualize the incompatibilities between European ideological conceptions and the issues of slavery in nineteenth-century Brazil. The psychology of favor presupposes an armor of liberal ideology, different from slavery, and the sense of superiority is constructed to compensate for being inferior. In Schwarz (1977), we will note a universal perception that ideas are out of place in the nineteenth century, because there is a deconstruction of canonical forms built during time that are now reprinted in another way; in Gullar (1978), we will find the vanguards and consider them here as an alienating concept, since it is possible to perceive that they have European origins and do not fit in Brazilian social reality as much as the conceptions on the slavery and the politics of the favor observed in Schwarz's text.

KEYWORDS: Latifundium; Free man; Capitalism; Ferreira Gullar; Roberto Schwarz; Essay.

REFERÊNCIAS

GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e Subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1978.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 11-31.

Sites consultados:

<<http://escolaeducacao.com.br/ideologias-do-seculo-xix/>> Acesso em: 30 jun. 2017.

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/index.htm>> Acesso em: 30 jun. 2017.

Recebido em: 26/08/2018.

Aprovado em: 01/02/2019.